

Papo de Índio

TXAI TERRI, VALLE DE AQUINO E MARCELO PIEDRAFITA IGLESIAS

HOMENAGEM AO PROFESSOR IXÃ KAXINAWÁ

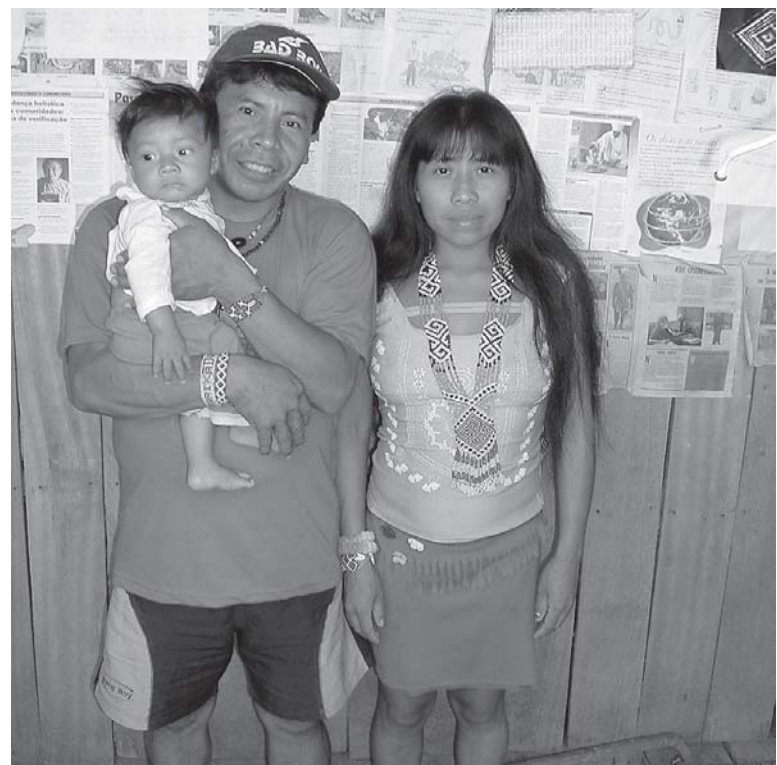
O Papo de hoje é uma singela homenagem que minhas amigas da Comissão Pró-Índio do Acre (CPI-Acre), especialmente a Ingrid Weber, Vera Olinda, Nietta Monte, Malú Ochôa e Julieta, querem prestar ao professor Edson Medeiros, o Ixã Kaxinawá, que atualmente se encontra entre a vida e a morte no CTI do Hospital de Base, em Rio Branco. Edson teve sérios problemas de apendicite lá no alto rio Jordão, mas demorou muito a vir se tratar. Quando chegou em Rio Branco, seu apêndice já tinha estourado há mais de dez dias. Fez duas cirurgias e, na última, parece que faltou sangue e oxigênio no seu cérebro. No pós-operatório, contraiu uma violenta pneumonia decorrente de infecção hospitalar.

Ixã é um grande amigo de

todos nós e um excelente professor, com 20 anos de experiência pedagógica em educação escolar indígena diferenciada. É casado com Maria Vanilda Monteiro Caxambú, *Buni*, professora da Escola Coração de Jesus, na aldeia Verde Floresta, da TI Kaxinawá do Rio Jordão. Neste ano de 2005, de maio a início de agosto, quando passei três meses nas três terras Kaxinawá do município de Jordão, comemorando meus 30 anos de caixuma junto com esse povo, passei três dias em sua aldeia. Conversamos muito e ele me ajudou a responder um questionário socioambiental de 13 páginas junto aos seus parentes da aldeia. Ainda recordo da alegria com que ele me falava de seu trabalho como professor e, mais recentemente, como técnico pedagógico das escolas de nove

das 27 aldeias Kaxinawá de Jordão. O que marcou de todas essas conversas com o Ixã, foi ele me dizer que amava muito o seu trabalho, assim como amava muito a sua mulher. Amor de índio, brinquei. Ele riu muito.

O texto que segue foi editado a partir de uma entrevista que ele concedeu a Malu Ochôa em agosto de 2004. Sua conversa é um depoimento autobiográfico que relaciona sua história de vida com a história de seu povo. Lendo-o com atenção fiquei comovido e com muitas saudades do Ixã. Fui visitá-lo no hospital e o encontrei de olhos abertos, embora paralisados, e lhe disse: "Ixã, aqui é o Txai, vim te visitar e trazer boas energias. Reze pra Deus, que só ele pode te salvar. Eu também peço a Deus agora que te cure, ou então te receba em sua morada eterna. Amém!" (Txai Terri).



AMOR DE ÍNDIO: IXÃ E SUA FAMÍLIA NA ALDEIA VERDE FLORESTA/RIO JORDÃO

HISTÓRIA DO TEMPO DE UMA PESSOA

EDSON MEDEIROS IXÃ KAXINAWÁ

Eu nasci ainda no tempo do cativo. Naquele tempo, meu pai trabalhava com patrão seringalista. Eu nasci no antigo seringal Transual, hoje aldeia Paz do Senhor, no alto rio Jordão, numa colocação chamada Paraíba. Nasci no dia 14 de abril de 1962. Sou o primeiro filho dos meus pais, somos oito irmãos: quatro homens e quatro mulheres. Meu pai dizia que, naquela época, não trabalhava na conta própria dele, não. Trabalhava com outro parente que tinha conta aberta com o seringalista. O nome dele indígena é *Txuã*, em português, José Paraíba Sereno, pai do Felipe Sereno, liderança tradicional do rio Breu. O nome do meu pai é *Txanu*, Francisco Medeiros, e o nome da minha mãe é *Bimi*, Carmita Marcelino.

Naquele época, o Zé Paraíba era quem fazia as compras e o meu pai, meu tio e mais outras pessoas cortavam seringa, mas quem negociava com o seringalista era o Zé Paraíba. O seringalista era o Teixeira. Como tinha um caminho para varar do Jordão para o alto rio Tarauacá, o Zé Paraíba foi passear lá e conheceu o seringalista Alberto Carneiro. Esse patrão falou pra ele: "É melhor você vir para cá, porque você é muito trabalhador, corta muita seringa com seus parentes, venha trabalhar com a gente aqui, eu estou precisando de um freguês bom de borracha". Aí ele voltou e falou para o meu pai, "rapaz, vamos pra lá!". Eles pagaram o débito e foram morar no seringal Alegria, no rio D'Ouro, afluente do alto rio Tarauacá. Passamos uns tempos lá, cortando seringa, de-



IXÃ E JOAQUIM MANA NO CURSO DE FORMAÇÃO PROFESSORES INDÍGENAS

pois voltamos de novo para o Jordão e fomos morar no seringal Bonfim, que agora é Boa Esperança. Então ele começou a trabalhar com o patrão chamado "Bôco". O meu pai, nesse tempo, viu que estava cortando muita seringa, mas não dava resultado. Então ele falou para o seringalista que não ia mais trabalhar com o Zé Paraíba e que queria abrir uma conta dele mesmo no barracão. Foi naquela época que o meu pai se separou do Zé Paraíba e o meu tio Eliseu também.

Naquele tempo, o Sueiro estava morando no seringal Fortaleza, que agora é Três Fazendas. O meu pai encontrou com ele, que lhe perguntou como estava vivendo. Meu pai falou da situação dele, que estava trabalhando por conta própria. O Sueiro então falou: "rapaz, você não pode trabalhar com esse patrão, você não sabe negociar direito. Vá para o Fortaleza que o seu irmão está trabalhando sozinho numa colocação boa de leite e

boa de rancho, que tem seis estradas de seringa. O seu irmão está trabalhando em três estradas e ainda tem três vadiando. É melhor você ir cortar seringa junto com seu irmão, a família perto é melhor". Meu pai concordou e o Sueiro falou que ia pagar a conta dele. Pagou a conta do meu pai com o patrão e o meu pai chegou no Fortaleza, e entrou na colocação pra cortar seringa, mas eu não me lembro muito bem, porque só tinha 8 anos. Quando cheguei lá, não conhecia o meu tio, o Joaquim Sena. Ele é avô do professor Itsairu. Nós moramos lá no Fortaleza por treze anos. Lá eu aprendi a cortar seringa com meu pai e também caçava com ele. Quando completei nove anos, ele comprou uma espingarda para mim.

Quando tinha treze anos, quem administrava o seringal era o Sueiro. Ele não sabia tirar conta, mas ele administrava de cabeça mesmo. Tinha o genro dele que sabia ler e escrever, era o Nicolauzinho o guarda-livro do

Sueiro. Foi aí que conheci essas pessoas que sabiam ler e escrever. Primeiro conheci o Agostinho Manduca Mateus, que sabia falar bem português, escrevia e tirava conta e eu me interessei também em aprender as letras do alfabeto com ele. A gente estudava mesmo na memória, conhecendo as letras, porque ninguém tinha cartilha, nem lápis, caneta e caderno.

A produção de borracha que o Sueiro vinha juntando sempre era vendida na Vila Jordão que agora é sede do Município de Jordão. Por volta de 1975, toda vez o Agostinho acompanhava o Sueiro na venda da borracha. Ele sempre anotava o peso e o preço da borracha, sempre multiplicando. Eles começaram a observar e perguntaram para o Agostinho, "onde você aprendeu a ler e escrever?" Aí ele disse que tinha aprendido andando no meio dos brancos do Alto Juruá. Então, o Sueiro falou: "já que você é uma pessoa importante, interessado em aprender as coisas, eu vejo que você anota toda coisa, eu vou conseguir material escolar para você ensinar para os nossos parentes do Fortaleza". Aí ele levou um bocado de material de matemática, de português e eu me interessei também em estudar. Mas o Agostinho tinha saído da colocação e estava morando na margem, eram duas horas de viagem, de caminhada. Então toda semana eu vinha estudar um dia, na quinta-feira, e quando era sábado eu voltava para casa, onde continuava cortando seringa.

Eu fui conhecendo mais pessoas que sabiam escrever, o Urbano Sales, pai do João Sales. Ele sabia ler e escrever e o João Sales também estava começando a

aprender com o pai dele. E também, eu conheci uma pessoa muito importante, o pai do Zé Paraíba, o João Sereno. Ele era um *txama*, que a gente considera como se ele tivesse terminado um estudo de doutorado na cultura do meu povo Kaxinawá. Ele conhecia muitas histórias antigas do nosso povo, muita medicina tradicional, ele sabia cantar todo tipo de música, ele aprendeu tudo, tudo mesmo. Ele fazia tudo, batismo, festa de mariri, festa de gavião, festa de banana e todo mundo procurava ele. Ele era uma pessoa muito importante, até na minha pesquisa sobre as folhas medicinais da floresta coloquei o nome dele. Bom, nessa colocação do Fortaleza nós moramos 13 anos, cortando seringa. Comecei a cortar seringa desde os meus treze anos.

Em fins de 1975 chegou o Txai Terri. O meu pai sempre falava que o Txai veio para tirar os brancos que vivem dentro do rio Jordão, "os brancos vão sair e vamos ficar só nós". Aí perguntei: "pai, quando os *nawabu* ("brancos") saírem todos, como vamos ficar? Ninguém sabe escrever, ninguém sabe falar português direito". E ele me falou, "não sei, mas tem o Agostinho, tem o Nicolauzinho, tem o Sálvio Barbosa, vai dar da gente vender a nossa produção de borracha na cidade". O pessoal começou a se juntar, fizeram reunião. Tinha gente que morava no Massapé, Seringal Xapuri, abaixo do Jordão: o Luís Pinheiro, o Pedro Pinheiro, o Reginaldo, pai do Maná, eles vieram para o Jordão. Eu conheci o Joaquim Maná desde pequeno, ele tinha uns 13 anos e eu tinha uns 14. Ele sabia falar português muito bem, porque já

Papo de Índio

tinha estudado em uma escola de seringal. Então, me interessei mais em aprender com ele. Naquele tempo, a gente escrevia todo tipo de nomes: nome de pessoas, nome de objetos, por exemplo, 'munição', 'sabão', 'querosene', 'sal'. Era ele que escrevia para mim e eu perguntava, "como se lê?" e ele me dizia como. E assim fui aprendendo, onde encontrava com ele, ficava sempre perto dele, só perguntando as coisas. Eu era muito interessado.

Também conheci parentes que moravam longe, que eu nunca tinha visto eles, mas meu pai e minha mãe iam me explicando quem eram eles. Diziam que os Kaxinawá estavam muito espalhados. Aí contavam a história da dispersão do nosso povo. E eu perguntava, "mas porque somos espalhados assim?" Eles me diziam que antigamente a gente morava nas cabeceiras dos rios Envira, Muru e Tarauacá. Daí chegaram os caucheiros peruanos e os seringalistas e seringueiros brasileiros na nossa terra e aí nós nos espalhamos. Teve muito conflito forte e eles mataram muita gente nossa. E foi assim que a gente se espalhou. Diz que tem nosso parente lá no alto rio Purus, tanto do lado do Brasil como no Peru.

Chegou esse direito da nossa terra, e juntou todo mundo lá no Jordão. Então, eu conheci muita gente, que antes morava espalhada, trabalhando para os patrões de seringais. E aí chegou esse Felipe Sereno, que era meu tio. Aí o Getúlio falou para ele, "bom, já que os patrões sairiam da nossa terra, agora você vai ficar no seringal Transual, você e o Eliseu Sereno. O Eliseu vai ficar na colocação Paraíba". Essa colocação tinha muita estrada, me parece que 12 estradas de seringa, e tinha bem uns 4 seringueiros, "aí você fica administrando os seringueiros na margem". Então, o Felipe convidou meu pai e minha mãe. Quando eu tinha 16 anos, meu pai falou pra mim: "agora nós vamos mudar, nós já moramos aqui bastante tempo, e o teu tio está convidando a gente, ele disse que está precisando da gente. E a família da tua mãe já está toda morando lá, agora nós vamos morar junto com eles."

Nessa idade não estava pensando em casar ainda, porque sempre a gente vinha morando separado, isolado numa colocação. Daí chegou a Mariana (Dani) e pediu para o meu pai e para a minha mãe para eu casar com a filha dela. Ela morava na margem, no seringal Fortaleza, e eu morava no centro, com duas horas de viagem. Daí o meu pai falou para mim: "rapaz, você tem que ir lá ver isso, porque é nossa tradição, você é homem e você tem que ir lá ver. Se der certo, você pode fazer a sua vida com ela, se não der, volta, você é que sabe". Eu não queria ir, mas minha mãe conversou comigo e eu

fui. Então, a gente ficou junto. Parece que gastamos um mês e fomos para o Transual, lá em cima. Aí eu comecei a trabalhar lá, e o Joaquim Maná, o Noberto Tenê, o João Carlos trabalhavam lá. E sempre no final de semana, a gente encontrava todo mundo. O Noberto já sabia ler e escrever e eu aprendi muito com ele. A gente sempre andava em bando, o Joaquim, o Noberto, o João Carlos. Então, eram essas pessoas que sempre me ajudavam muito. Nós moramos lá durante treze anos, naquele seringal Transual, que depois passou a se chamar Bondoso.

E antes disso, o Felipe tinha ido morar no Breu, porque não dava certo trabalhar junto com o tio dele, o Eliseu.

Naquela época, era a Cooperativa. O Txai Terri incentivou o Sueiro a criar a nossa cooperativa para vender borracha e comprar mercadorias independente dos patrões do rio Jordão. E nós estávamos trabalhando nela. Eles pegavam a produção dos fregueses, mas acabou a mercadoria da Cooperativa e não tinha onde comprar sal, querosene, munição, terçado, faca de seringa. Então, o Felipe começou a vender essa borracha na Vila Jordão, mas o Eliseu disse que não, que a borracha não podia ser vendida lá, tinha que entregar para a Cooperativa. Então, começaram a se desentender e como ele viu que não dava certo, foi para o Breu, e aí falou para nós: "rapaz, no Breu é bom, tem muita caça e peixe, tem pouca gente, vamos morar lá". Todo mundo decidiu ir e eu fui com eles, a minha função era fazer roçado. Aí eu vi que lá era muito triste, tinha pouca gente, não tinha visita, mas tinha muita caça mesmo, peixe, jacaré... muita fartura, era no balde mesmo.

Passamos duas semanas lá, fizemos roçado e voltamos de novo para o Jordão. Eu falei pra minha mulher, pro meu pai e minha mãe "eu não vou mais para o Breu, se vocês quiserem ir, podem ir, eu mesmo não vou mais, não". Eles foram e eu fiquei morando um ano ainda lá.

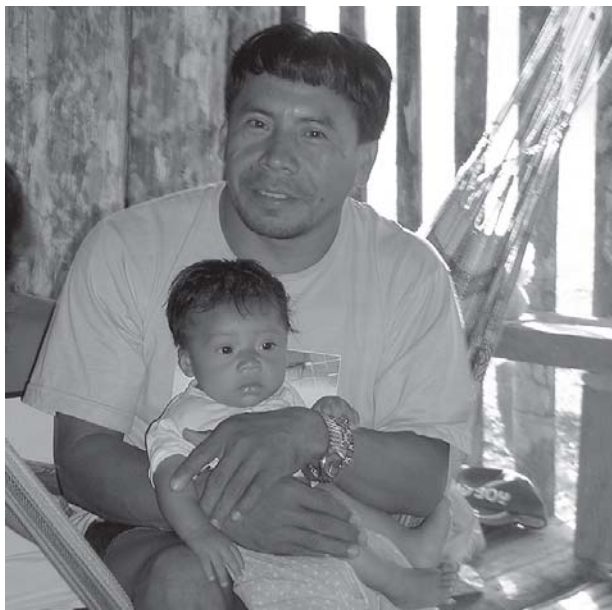
Passado esse tempo, meu primo Senhorzinho me convidou para ir morar no seringal Revisão, que atualmente é o Novo Segredo, numa colocação chamada Macedo. Eu trabalhei lá

seis meses, cortando seringa. Também era um lugar de muita fartura. A liderança era o Agostinho, um cara muito legal que me ensinava a escrever os nomes dos objetos. E pensei, "eu vou voltar de novo para o seringal Transual", e voltei de novo. E o Eliseu tinha saído do centro, ele agora morava na sede do Bondoso. Ele começou a me perguntar o que eu estava vendo, eu di-



AOS 13 ANOS, IXÁ (PRIMEIRO A ESQUERDA) COMEÇOU A PRODUZIR PELA DE BORRACHA NO SERINGAL FORTALEZA DO RIO JORDÃO

zia que para viver era preciso trabalhar, mas que tinha muita saudade da minha família, que eu estava pensando buscar eles de volta. Eu juntei dez rapazes e fomos. Chegamos no Breu, eu falei para o meu tio, "vim buscar o pai e a mãe", mas ele não deixou: "eles não vão, porque já somos poucas pessoas e se eles forem, a gente vai ficar só aqui". Mas eu falei que não, nós vamos voltar. E voltamos. Isso foi por volta de 1982. A minha avó ficou, toda a família da minha mãe



IXÁ, UM PAI AMOROSO, COM SEU FILHO CAÇULA NA ALDEIA VERDE FLORESTA DO RIO JORDÃO

ainda mora lá no Breu.

E continuei cortando seringa. Eu falei para eles que na margem os *nawá* já tinham cortado muito, já tinham tirado muito látex da seringa e não estava dando certo. Então, fomos morar na colocação Boa Vista, onde tinha seis estradas vadiando. Trabalhamos lá dois anos. Em 1983, chegou o Siã, chegou o Txai Terri... E foi quando fizeram uma reunião, que o Terri tinha ajudado a criar a Comissão Pró-Índio do Acre (CPI-

Acre), em 1978, e junto com Nietta estava agora convidando os parentes para participarem do primeiro curso de formação de professores indígenas. E a comunidade escolheu quem ia participar desse curso: João Sales, Sávio, Senhorzinho, Noberto, Rufino, Anastácio, João Carlos, Joaquim Maná, Isaías Ibã e outros. Eram essas pessoas, por volta de 12. E eu estava com muita vontade de ir também. Aí eu perguntei ao Getúlio, "se tiver precisando de mais gente, eu queria ir também". Daí ele falou que não, que eram somente 12 pessoas. Então, comecei a imaginar, "eu vou começar a estudar sério". Naquele tempo, o Zé Bolo, um seringueiro nawa casado

com a Judite Carlos, minha prima, estava morando na colocação Campo Verde, antiga Bruxelas, que agora é a aldeia Paz do Senhor. E quando era no final de semana, ia na casa dele para aprender matemática. Eu perguntava para ele como somar, como diminuir, como multiplicar, como dividir. Ele me deu uma tabuada e eu comecei a estudar. Eu ia caçar e quando chegava de tarde, depois da janta, ficava até meia noite estudando, e depois ia dormir. Toda noite pensava, "os meus colegas foram estudar e eu fiquei aqui sozinho, então eu tenho que estudar também".

Até que eles voltaram. Chegou o João Carlos, como agente de saúde, e o Noberto Sales Tene, como professor indígena. Quando eles chegaram, fizeram reunião e todo mundo se matriculou para estudar. Eu me matriculei também e estudei com o professor Tene durante seis meses. Daí chegou essa escola, chegou essa união, e começamos a trabalhar juntos, no roçado, fazendo reunião. E o Eliseu falou

com o Getúlio, "os meninos estão querendo me administrar, estão fazendo reunião, trabalhando todos juntos, eles querem ser maior do que eu". Aí o Getúlio chamou os meninos e falou: "é melhor vocês deixarem o Eliseu, é ele quem está comandando aqui. Agora vocês vão pra uma colocação de centro, lá tem muita seringa e muita criança também pra dar aula". E eles saíram de lá, passou um ano sem professor, e eu pensava: "puxa vida, por causa de uma lideran-

ça dessa, nós perdemos professor e agente de saúde. Como vamos ficar?". E eu já tinha aprendido a escrever alguma coisa. O Joaquim Maná, quando voltou do curso, ele não foi mais para o seringal Bondoso, ele ficou no Três Fazendas. As pessoas que sabiam ler e escrever tinham saído. O único que ficou fui eu, que sabia pouco.

Em 1985, teve uma assembleia de lideranças indígenas em Rio Branco e o Eliseu foi participar. Durante a assembleia, quando o pessoal começou a falar sobre educação indígena, ele falou que não tinha professor. A Nietta então falou para ele que a comunidade escolhesse uma pessoa que soubesse ler e escrever um pouquinho. E como não tinha outra pessoa mesmo, somente eu que começava a escrever alguma coisa, ele me colocou. Foi a partir daí que eu comecei a participar do curso de formação de professores indígenas. Naquela época, eu falava somente algumas palavras soltas em português, de objetos que a gente conhece, como 'banana', 'água' 'borracha'. Então, foi assim a minha entrada na educação indígena. Nesse mesmo ano, participei de meu primeiro curso de formação de professores indígenas promovido pela CPI/AC.

No início de 1994, comecei a fazer viagens para fora do Acre. Estive em São Paulo, fazendo um curso de agricultura orgânica pelo CAPIDE. Nessa viagem fui também ao Rio de Janeiro, Campinas e Belo Horizonte, visitando e conhecendo escolas. No final de 1994, viajei para outro país chamado Costa Rica, onde fui participar de um seminário sobre Educação Intercultural. Em 1999, fui a Roma, que é capital de um país chamado Itália. Também fui à Madrid, capital de um país chamado Espanha, onde fui participar de uma exposição de artesanato e também visitar escolas, a prefeitura e a universidade. Também fui ao País Basco e visitei a universidade. Junto com o Mikel, fui conhecer as montanhas.

Em 2000, terminei o segundo grau do magistério indígena, depois de quase 15 anos participando dos cursos de formação de professores indígenas organizados pela CPI-Acre. Atualmente, além de professor, sou técnico pedagógico em educação escolar indígena da Secretaria de Educação do Estado do Acre e também membro do conselho da Organização dos Professores Indígenas do Acre (OPIAC). Continuo me capacitando para organizar minha terra, estudando as leis, como a Constituição Federal, a LDB (Lei de Diretrizes e Bases) e o RCNEI (Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas). Portanto, estou feliz com o meu trabalho de educação diferenciada com a comunidade, que é diferente de outras culturas indígenas e não indígenas do mundo, do planeta Terra.